

A CULTURA E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA ARTE NO HORIZONTE DA EDUCAÇÃO POPULAR

BALDUINO, Agda Antunes¹

PEREIRA, Vilmar Alves²

Resumo

O estudo foi desenvolvido no início de 2014 e tem por objetivo compreender quais as possibilidades de se trabalhar com a esfera artística nos espaços de pré-universitários populares, através da cultura, como o teatro e as danças urbanas. A temática emerge do meu próprio histórico como ex-educanda de um curso pré-universitário popular, educanda de Artes Visuais e atuando no Acreditar, um dos contextos do PAIETS – Programa de Auxílio ao Ingresso aos Ensinos Superior e Técnico, através do PET Conexões de Saberes da Educação Popular e Saberes Acadêmicos, do qual sou bolsista. O PAIETS é um programa que acontece em parceria com as escolas da rede pública na cidade de Rio Grande, Capão do Leão e São José do Norte no RS, onde os pré-universitários populares acontecem. Um dos desafios encontrados foi de como a arte e a cultura poderiam ser trabalhadas nesses espaços, construindo coletivamente os saberes, de maneira a potencializar a boniteza, a dimensão ética e estética tão presentes na perspectiva freiriana. O estudo baseia-se nos princípios de educação em Freire (1987) e em seus princípios problematizados por Redin, Trombetta e Trombetta (2008), nas propostas de arte educação de Barbosa (2007) e nos conceitos de cultura de Silva (2008) e de Santaella (1990). Como metodologia, realizamos entrevistas com sujeitos envolvidos com artes e educação popular, entre educandos e educadores, que nos propiciaram a compreensão das questões levantados na pesquisa, como a defasagem no ensino de artes na educação no espaço das escolas públicas. A partir disso, realizamos no Acreditar, atividades como oficina de *hip hop* e *fanzine*, no qual os educandos compartilharam seus saberes. Essas atividades visam contribuir para a criatividade, a sensibilidade e percepção do educando, mas também para uma educação voltada para a edificação, formação crítica e emancipatória do ser humano - como preconiza Paulo Freire.

Palavras-chave: arte; cultura, pré-universitários populares.

Introdução

O estudo, em desenvolvimento, trata do espaço que a arte ocupa em contextos de educação, mais precisamente em pré-universitários populares que acontecem nos espaços de escolas públicas, demonstrando a parceria entre Universidade, comunidade e rede pública de ensino. A partir disso, sugere algumas possibilidades de abordar a arte nesses espaços. Para tanto, o trabalho está pautado nos princípios de educação em Freire, problematizados por

¹ Graduanda de Artes Visuais Bacharelado na FURG – Carreiros. Petiana no PET Saberes da Educação Popular e Saberes Acadêmicos, atua no contexto no pré-universitário Acreditar, no Parque Marinha, Rio Grande, RS. agda.balduino@bol.com.br

² Prof. Dr. do Instituto de Educação da Universidade do Rio Grande – FURG. Tutor do PET Conexões de Saberes da Educação Popular e Saberes Acadêmicos. vilmar1972@bol.com.br

Redin, Trombetta e Trombetta (2008), nas propostas de arte educação de Barbosa (2007) e nos conceitos de cultura de Silva (2008) e de Santaella (1990).

A ideia de abordar esse tema surgiu a partir de minha experiência que vem se constituindo no bojo da educação popular: enquanto ex-educanda de um pré-universitário popular e, hoje, educadora num pré-universitário popular, e minha proximidade com a arte. Desse modo, pude ter algumas reflexões sobre o assunto e assim, identificar alguns problemas e possíveis soluções. O estudo é pertinente uma vez que a arte não ocupa um lugar tão preconizado nas escolas, levando em consideração que é fundamental para o crescimento crítico, assim como para o desenvolvimento sensível humano, a criatividade e a percepção do seu envolvimento.

Dois situações se apresentam como possíveis problemas: a defasagem do ensino de artes em todas as fases da educação (primário, fundamental, médio, pré-universitário e universitário) e em decorrência disso, a pouca ou, em alguns momentos, nenhuma prática artística nesses contextos. A arte ainda tem um espaço muito limitado na educação e isso é um problema, pois essas práticas são essenciais na formação humana do indivíduo e na sua construção cultural. Desse modo, surge a necessidade de buscar formas de construir e problematizar a arte nesses contextos.

A educação popular e a arte nos cursos pré-universitários populares

Minha relação com a Educação Popular começou mais especificamente, quando ingressei em um curso pré-universitário popular em São Paulo, o ACEPUSP. Lá desconstruí e construí muitas ideias. Foi um espaço onde realmente fui provocada a pensar e me posicionar sobre vários assuntos, principalmente temáticas políticas. Após concluir o ano letivo e ingressar na universidade no curso de Artes Visuais, tive a oportunidade de me aproximar mais uma vez da Educação Popular através do programa PET Conexões de Saberes da Educação Popular e Saberes Acadêmicos nos contextos do PAIETS. Sendo assim, o contexto onde atuo, é o Pré-universitário popular Acreditar, situado no Bairro do Parque Marinha, em Rio Grande - RS.

Nesses contextos, compreendi que ainda há um longo caminho para que a arte seja vista e abordada de maneira equivalente a outras áreas do conhecimento. Seu espaço ainda é muito restrito, uma vez que suas manifestações estão quase sempre ligadas à função de recreação ou lazer. Uma das barreiras que ainda se faz presente, por exemplo, é a não continuidade das atividades propostas. Isso resulta na quebra de um elo que se faz com os

educandos, e como os encontros são feitos esporadicamente, numa possível perda de significado das próprias atividades para os educandos, uma vez que torna-se mais difícil compreender o sentido de uma ação quando realizada poucas vezes ou seja, quando não é reforçada. O mesmo acontece com qualquer área do saber, quando não enfatizada, a informação perde potência, não é absorvida plenamente, não vira aprendizado.

A resistência à arte nesses espaços muitas vezes se dá pela compreensão errônea da arte como mera forma de entreter os educandos quando na verdade a mesma poderia ser um instrumento poderoso para a reflexão sobre diversos temas. É de suma importância que se garanta a constante afirmação de arte e cultura em geral nesses espaços. É importante também, que façamos o questionamento acerca do meio em que atuamos e quem são os sujeitos que o compõe, a fim de estimular a conhecimento sobre nossos próprios saberes.

Cada educando e educador carrega consigo histórias e saberes próprios. Somos agentes de cultura, possuímos identidade cultural própria e esse conjunto de culturas tem um grande potencial criativo, que pode ser trabalhado através da comunicação, das formas de cultura e da arte.

Para trabalharmos com a cultura popular brasileira, portanto, torna-se necessária, compreender e conhecer essas subculturas existente em cada contexto e reconhecer sua relevância na construção dos saberes. É o que podemos concluir com o trecho abaixo:

Quem somos, como brincamos, dançamos, cantamos, contamos histórias, resistimos? Essas questões incentivam a curiosidade em desvelar dentro da escola o conhecimento de nossos educandos e educadores, saberes culturais, nascidos e desenvolvidos nas histórias de origem e do dia-a-dia.
(GABRIEL, Eleonora, em Cultura Popular e Educação, 2008, p.80)

É sabido que necessitamos conhecer a arte do exterior para enriquecimento cultural e para que compreendamos a nossa, até porque nossa arte, enquanto produção de um país colonizado sofreu influências de seu colonizador e da Europa como um todo, assim como já foi mencionado, a arte europeia trazida pelo grupo francês através da Academia Imperial de Belas Artes foi a referência de arte instaurada no país, quando o que tínhamos no Brasil na época era o barroco-rococó, pouco valorizado. Além da importação de uma cultura norte-americana que nos tempos atuais ainda tentamos reproduzir.

A trajetória do ensino de artes no Brasil

Na década de 1980 arte-educadores começava a buscar maneiras de relacionar a arte com questões sociais e o desenvolvimento de uma consciência crítica, a partir das vivências

dos alunos e nesse momento a arte-educadora, Ana Mae Barbosa, passou a estudar métodos de se trabalhar com a arte nessas perspectivas, sistematizando a “Metodologia Triangular” que depois se tornou Proposta de Ensino Triangular, no qual se baseava nos seguintes eixos: o fazer artístico, onde o educando cria sua própria obra; a análise de obras e objetos de arte, momento que ocorre a apreciação, reflexão da obra; contexto, conhecer a história.

Não há nenhuma hierarquia entre os eixos, podendo começar por qualquer eixo. Dessa forma, valorizava-se a expressão, percepção, imaginação e reflexão do educando, ao passo que se evitava a cópia de algo já construído. A contextualização é de grande importância para a interdisciplinaridade. Essa abordagem teve início em meados de 1990 em São Paulo, depois se estendeu para o Rio Grande do Sul e assim por todo o Brasil. Em 1996 foi aprovada a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96, na qual a arte é um componente curricular obrigatório, tal como previsto nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Arte, nas suas linguagens: música, teatro, dança e artes visuais.

Arte de quem e para quem?

Santaella propõe que olhemos para a arte como uma produção cultural, de uma forma mais abrangente, sem a redução do “o que não é feito pelo/para o povo é elitista”. Assim:

(...) na visão simplificadora e maniqueísta (...) tudo que não seja produzido para o povo, na linguagem do povo, é burguês e elitista. [...] Chamar essas obras de elitistas é (...) estar irmanado, mesmo que involuntariamente, às ideologias dominantes, para as quais interessam chamar de elitistas e manter na marginalidade do incompreensível todas as linguagens que abalam a hegemonia dos modos estereotipados e facilmente controláveis de dizer o mundo. (SANTAELLA, 1990, p. 40)

Portanto, cometemos equívocos ao separar, numa visão maniqueísta, arte burguesa x arte popular, isso por que interessante para classe dominante que seja assim, pois aumenta a distância, quando na verdade precisamos não naturalizar esse pensamento e reivindicar todos os tipos de arte.

Muitas vezes, por exemplo, olhos menos maniqueístas nos fazem ver que trabalhos de artistas e cientistas, apressadamente chamados elitistas e burgueses, estão na realidade fazendo emergir subversões à imposição de universalidade de valores através dos quais a hegemonia burguesa busca a dominação. (SANTAELLA, 1990, p. 40)

Ela defende a ideia de que dessa forma torna-se ainda mais difícil esse acesso, além de diminuir a arte criada por essa camada da sociedade, ou seja, ela coloca que não é porque a

arte seja proveniente da classe dominante que ela dela permanecer nessa esfera, pois todas as classes têm direito de acesso aos códigos da cultura erudita porque esses são códigos dominantes – os códigos do poder. É necessário conhecê-los, ser versado neles, mas tais códigos continuarão a ser um conhecimento exterior a não ser que o indivíduo tenha dominado as referências culturais da própria classe social, a porta de entrada para assimilação do “outro”.

Ela entende que a sociedade está dividida em classes e que cada classe produzirá uma cultura própria, entretanto, buscando a superação das classes. É o que acreditamos, pois: "A cultura é produzida pela sociedade e, portanto uma sociedade dividida em classes produzirá uma cultura dividida". (SANTAELLA, 1990, p. 17)

Como consequência ela traz a arte como principal vítima desses equívocos:

(...) a grande vítima do cerco redutor, que a concepção maniqueísta produz, é a arte. Todo artista que não enquadrar sua produção dentro dos esquemas de ordem do engajamento político preestabelecido não passa de “ideólogo da espoliação”, a serviço de interesses antipopulares. (SANTAELLA, 1990, p. 40)

Defende a estética como uma forma de arte pertencente a todas as classes. A arte não precisa desprezar a estética para ter um cunho político:

O desprezo pela dimensão estética em produções – ditas artísticas engajadas – dirigidas ao povo (como se efeitos estéticos não passassem de meros traços decorativos burgueses) revela não só um profundo desconhecimento quanto ao potencial da função político-social das criações artísticas, como também um desprezo pelo próprio povo, como se a este p estético não fizesse falta. (SANTAELLA, 1990, p. 42)

Assim como defende Barbosa, a sociedade só será bem desenvolvida artisticamente quando todo o público, sem distinção de classes, for capaz de decifrar os códigos de todas as produções artísticas, do popular ao erudito. Santaella acredita na arte enquanto forma de superação da existência de classe, aproximando-se a perspectiva tão defendida em Freire que luta por uma sociedade em que não exista mais opressor e oprimido. Para essas autoras, a luta das camadas populares, oprimidas, pode ser feita por meio da reivindicação da arte enquanto espaço educativo, político e de consciência crítica construída coletivamente.

Acreditamos que arte em seu horizonte educativo, contribui fundamentalmente no campo da educação pública para a luta das camadas populares de uma forma contemplar a

dimensão estética dos sujeitos que historicamente passaram a conhecer uma educação fragmentada e unilateral.

A Boniteza

Esta dimensão, boniteza, faz parte para Paulo Freire, da concepção da vida, bem como amorosidade, bem querer, amizade, solidariedade, utopia, alegria, esperança, estética e genteidade. A vida há que ser bonita, não só a vida do indivíduo, mas a realização de um povo. (REDIN, Euclides, 2008, p.66)

O sonho possível não se realizará sem a denúncia da realidade injusta e o anúncio de um mundo melhor, com novas possibilidades. A boniteza está presente na forma de lutar pelas melhorias, no reconhecimento dos sujeitos em seus contextos, na busca pelo ser mais, vejamos em Freire:

Esse movimento de busca, porém, só se justifica na medida em que se dirige ao *ser mais*, à humanização dos homens. E esta, (...) é a vocação histórica, contraditada pela desumanização que não sendo vocação, é viabilidade, constatável na história. E, enquanto viabilidade, deve aparecer aos homens como desafio e não como freio ao ato de buscar. (FREIRE, 1987, p. 43)

É transcender a si mesmo, sempre buscando driblar as barreiras pela conquista de liberdade e a humanização do mundo. Liberdade essa, que só pode ser concretizada pelo próprio sujeito oprimido, através de sua busca pelo ser mais, movida pela esperança de modificar o mundo.

Um dia este país há de se tornar menos feio. Ninguém nasceu para ser feio. Este país será mais bonito na medida em que a gente lutar com alegria e esperança [...] o que muda é o jeito de brigar.
(Depoimento de Freire a uma ONG-CENPE <em “Profissão Professor” >)

Atividades propostas

Até o momento, realizamos algumas atividades no pré-universitário Acreditar no Parque Marinha. A primeira foi uma oficina de danças urbanas, ministrada pela educanda de artes visuais da Furg, Gabriela Saad, que aconteceu numa confraternização antes das férias reunindo as turmas Pré-Enem e Pré-IFRS. Os educandos puderam conhecer e interagir um pouco mais com a cultura do hip hop através da dança. Além de propor a aproximação entre os cursos, educadores e educandos.

A segunda atividade foi uma oficina de Fanzine, realizada por mim e que contou com a colaboração de outros dois educandos de artes, Jaqueline Lessa e Renan Dalmoro. Nessa oficina que contemplou especificamente a turma do Pré-IFRS, a temática estava relacionada a uma disciplina que eles já trabalhavam, no caso ciências.

Água e lixo foram os tópicos escolhidos e com apenas algumas ideias de caminhos, eles foram livres a trabalharem da forma que quisessem para expor suas ideias. A colaboração entre eles e a dedicação à atividade era notória.

Após a finalização da revista, as folhas foram copiadas e expostas num painel da escola com uma intervenção artística para que outros educandos e visitantes pudessem ter acesso a essa produção.

É importante ressaltar que nessas atividades não apenas o lúdico mas também a criticidade foram trabalhadas pois no desenvolvimento dos trabalhos houve uma reflexão a cerca dos temas propostos que inclusive iam sendo discutidos por eles e isso fica visível na produção final. Além de outros aspectos trabalhados, como perceber o que era importante ser ressaltado no tema ou de que maneira eles poderiam chamar atenção para isso e também na externalização dos seus próprios sonhos, através da seleção das imagens nas revistas e jornais, nas mensagens e desenhos que eles criavam etc.

Para um trabalho de apresentação do pré-universitário no evento que reuniu os cursos de vários estados, o III Encontro de Pré-Universitários Populares, pensamos na realização de um videoclipe no qual os próprios alunos compuseram a letra e a melodia. O resultado foi um clipe que transbordava luta e resistência. Não era apenas o Acreditar sendo representado, mas o Parque Marinha inteiro.

Outra atividade realizada que se faz muito importante nesses contextos, são as saídas de campo. Nesse sentido, realizamos uma visita a Pelotas, cidade vizinha de Rio Grande, com alunos do Pré-Enem e Pré-IFRS para a Charqueada Santa Rita, para o Museu da Baronesa e para o Balneário do Laranjal, ponto turístico da cidade, a fim de enriquecer ainda mais nossas vivências e resgatar um pouco da história desses lugares, sempre com uma visão crítica sobre os espaços e fatos abordados.

Ainda, no intuito de reforçar a arte e a cultura nesses contextos, uma das propostas a serem realizadas baseia-se num projeto de atividades contínuas, de naturezas diversas: aulas, cine debates, oficinas, saraus, rodas de conversas entre outros, sempre com viés artístico. Esse projeto, que ainda está em andamento, será importante para manter uma frequência desses encontros, proporcionando assim um maior contato entre os educandos e os assuntos abordados.

Dessa forma é fundamental que se trabalhe de forma a propiciar um espaço de reflexão do educando, onde ele se sinta à vontade para criar sua visão crítica. Através do trabalho manual e do dialogo o educando passará pela teoria e pela pratica de uma forma mais lúdica e de livre expressão.

Considerações

No decorrer da pesquisa pude interagir e contribuir com o Acreditar. Como sugestão ao curso, foi pensado em atividades extraclases como forma de unir o corpo docente e discente e propor lentamente a realização de algumas práticas artísticas que poderão beneficiar as circunstâncias já citadas.

Essas propostas para experimentação englobam oficinas de danças urbanas, aulas de música e desenho, envolvendo além da pratica, a teoria. Desse modo, trabalham-se pontos como a criatividade, a sensibilidade e percepção, mas também uma educação voltada para a edificação, formação crítica e emancipatória do ser humano.

Os educandos dos pré-universitários, em sua maioria, são também educandos das próprias escolas onde ocorrem as aulas do curso. Desse modo, o curso favorece a reflexão dos espaços artísticos, enquanto processo educativo no horizonte da emancipação, no ambiente escolar e contempla a boniteza necessária à luta pela superação da condição oprimido. É importante reforçar a ideia de que reivindicar esses espaços faz parte da luta pelo acesso à educação de qualidade, o resgate e expansão da cultura e a construção de um pensamento crítico. Dessa forma, enfatizamos o propósito do PAIETS quando lutamos e reivindicamos uma educação cuja formação humana e crítica seja prioridade na educação.

Bibliografia

- BARBOSA, A.M. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2007.
- BARBOSA, A.M. **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- SILVA, R. M. C. **Cultura Popular e Educação: Salto para o futuro**. Brasília: MEC/SEED, 2008.
- SANTAELLA, L. **Arte e Cultura: Equívocos do elitismo**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1990.
- REDIN, E. (2008) Boniteza (verbetes). In: STRECK, D.R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J.J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- TROMBETTA, Luis Carlos; TROMBETTA, S.(2008) Ética (verbetes). In: STRECK, D.R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J.J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- MINAYO, M.C. S.; DESLANDES, S.F.; GOMES, R. 26. Ed. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007.